

Edmilson Alves de Azevêdo

A LINGUAGEM NA HERMENÊUTICA E NA FILOSOFIA ANALÍTICA

*Edmilson Alves de Azevêdo**

RESUMO: Partindo de alguns pressupostos metodológicos básicos implícitos na “reviravolta lingüística” da filosofia contemporânea, o presente texto procura examinar as duas tradições filosóficas fundamentais do nosso tempo: a filosofia analítica e a hermenêutica filosófica, procurando mostrar que, apesar de haver algumas divergências básicas quanto a certos aspectos particulares, ambas comungam um ponto de vista comum enquanto a linguagem como ponto de partida para a fundamentação de suas teses filosóficas, cujo resultado é assumirem a relevância dos conceitos de “compreensão” e “interpretação” para o exercício da análise filosófica.

Palavras chave: Linguagem, “reviravolta lingüística”, filosofia analítica, hermenêutica filosófica.

SUMMARY: Starting from some estimated methodical basic presuppositions implicit in the "linguistic turn" of the contemporary philosophy, the present text looks for to examine the two philosophical traditions basic of our time: the analytical philosophy and the philosophical hermeneutics, looking for to show that, although to have some basic divergences how much the certain particular aspects, both share a common point of view while the language as starting point for the foundation of its philosophical theses, whose resulted is to assume the relevance of the concepts of "understanding" and "interpretation" for the exercise of the philosophical analysis.

Keywords: Language, foundation, analysis, hermeneutics, “linguistic turn”.

A LINGUAGEM NA HERMENÊUTICA E NA FILOSOFIA ANALÍTICA

O tema do "significado" e da "compreensão" encontra-se desenvolvido nas diferentes correntes da filosofia contemporânea. Na Europa continental, o termo "compreensão" aparece como uma "expressão chave" da Hermenêutica, desenvolvendo um papel relevante na filosofia da história de Droysen a Dilthey, tanto quanto nas "Ciências do Espírito" por meio da fenomenologia hermenêutica pós-heideggeriana. Por outro lado, no mundo anglo-americano e Escandinávo, o termo "significado" encontra-se desenvolvido em ligação com a filosofia analítica da linguagem de extração pós-wittgensteiniana e pós-fregeana.¹

*Professor dos Cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da UFPB. Pesquisador do GRUPO HERMES/CNPQ.

Para uma avaliação e compreensão correta da relevância desses temas, faz-se necessário explicitar aqui os diferentes horizontes da hermenêutica e da filosofia analítica do significado e mostrar o pano de fundo histórico do desenvolvimento recente das diferentes direções e correntes de pensamento, visando a complementar o panorama do problema da relação filosofia e linguagem que desenvolveremos ao longo deste trabalho.

Na filosofia do período helenístico; o termo "hermnêutica", isto é, *hermeneutiké tekne* (ou na sua tradução latina, *ars interpretandi*) localiza-se, como uma disciplina periférica, no interior do que se chamou o quadro comum das *teknai logikai* (traduzida para o latim como *ars sermonicalis*). Assim, encontra associada com a *gramática, lógica, retórica e poética*. Na Idade Média, a *ars interpretandi* se compreende como a doutrina que busca explicitar os múltiplos sentidos das Escrituras Sagradas e mantém-se vinculada ao *trivium* das artes liberais, estreitamente ligada ao desenvolvimento da doutrina das *proprietates terminorum*, isto é, *significatio* e *suppositio*, enquanto são disciplinas auxiliares no interior da faculdade de teologia e de direito. Mas já a partir da Renascença humanística e da Reforma protestante, a "hermenêutica" veio a ocupar um lugar especial determinado pela crítica de Lutero ao princípio da tradição e do método especulativo da interpretação *alegórica* do texto bíblico, defendendo o princípio de *compreensão da Bíblia a partir do seu próprio contexto* ("scriptura sui intepres"). Mas foi somente com o surgimento da teologia protestante, no século XVII, que o termo (verbo) grego *hermeneuein* foi usado e deslocando para o lugar do termo humanístico *ars interpretandi*.

No desenvolvimento posterior da Hermenêutica, ocupa papel relevante o teólogo luterano e filósofo pós-kantiano F. D. Schleiermacher, que favoreceu uma passagem da hermenêutica enquanto *disciplina auxiliar*, para vir ocupar um papel relevante enquanto *reflexão epistemológica geral* sobre as condições de possibilidade da compreensão e interpretação (*Auslegung*) dos textos escritos e da linguagem falada. Schleiermacher produziu uma radicalização quase-kantiana (Apel) das questões pragmático-metodológicas da interpretação no âmbito da teologia, da filologia e da jurisprudência². Estava aberta a via para uma concepção

¹ Cf. APEL, K. O. *Hermenuticphilosophy of undstanding as a heuristic horizon for displaying the problema-dimenison of analytic philosophy of meaning*. In: GECKELER, H. & SCHLIEBEN-LANGE, B & TRABANT, J. & WEYDY, H. 1981, p.221.

² Cf. SCHLEIERMACHER, F. D. E 1838/1977. *Hermeneutik und Kritik*, Ed. e intro. Manfred Frank, 1977, Frankfurt am Main: Suhrkamo Verlag, 1977. *Herméneutique*, Paris: Les Éditions du Cerf/Pul.1987. Ed. Bras. parcial. *Hermenêutica. Arte e técnica da interpretação*. Petrópolis, Editora Vozes, 1999. Trad. e introd. de Celso Reni Braida.

da *hermenêutica* que viesse a fundamentar metodologicamente as disciplinas filológicas e históricas, cuja orientação será seguida por Boeck e Droysen e mais tarde por Dilthey, as chamadas "Ciências do Espírito" (*Geisteswissenschaften*). Caberá, contudo, a Heidegger uma radicalização da idéia de Hermenêutica na direção de uma "ontologia-fundamental" que permita explicar o ser humano enquanto "ser-no-mundo" e como "acontecimento" na "abertura" do "sentido do ser", cujas conseqüências serão, por fim, tiradas por Gadamer com a 'pretensão de universalidade da hermenêutica filosófica', e que marcou todo o desenvolvimento posterior da hermenêutica até os nossos dias³.

A relação da hermenêutica com a teologia, já nos seus inícios modernos, caracteriza-se como um traço específico da mentalidade germânica. E isto contribuiu para a dificuldade de uma relação numa situação de comunicação entre hermenêutica e a corrente da hermenêutica fenomenológica e a corrente ou tradição da filosofia analítica da linguagem e sua teoria do significado, que posteriormente configuraram um novo paradigma da Filosofia Primeira. No domínio anglo-saxão, a hermenêutica sempre se confundiu com um tema mais ligado à teologia do que à filosofia. Só recentemente é que autores da tradição analítica, empenhados em discutir os problemas e teses da "indeterminação da tradução, a questão da "tradução radical" ou da "interpretação radical", levaram em consideração sua proximidade com a problemática posta por Schleiermacher.⁴ No que se refere à conversação ordinária, tanto a compreensão quanto a incompreensão devem ser encardas como fatos naturais e reais.⁵

Nos dois lados do fronte filosófico que ainda não se constituiu numa comunidade de interpretação, encontramos uma busca de convergência, aparentemente desconhecida por ambos os lados, como diz Apel, e trata-se do problema relativo às pré-condições necessárias de uma real compreensão intersubjetiva, que orienta por um pressuposto geral de *racionalidade* ou de *competência comunicativa* e sua efetiva aplicação ou realização na/à situação de compreensão comunicativa, ou seja "um princípio de caridade" (Quine, Davidson) ou uma pré-concepção/concepção prévia de perfectibilidade (*Vorgriff der Vollkommenheit*) (Gadamer 1960) ou de um consenso discursivo por meio de

³ Cf. INEICHEN 1991; VATTIMO 1985.

⁴ Cf. TIETZ 1995; SCHOLZ 1999. SCHOLZ, Oliver R. 199 *Vestehen und Rationalität. Untersuchungen zu den Grundlagen von Hermeneutik und Sprachphilosophie*, Frankfurt am Main, Vitorio Klostermann.

⁵ Cf. SCHLEIERMACHER 1838/1977 §§ 15 e 16. Citamos aqui segundo a edição de Manfred Frank.

"uma antecipação contrafactual eticamente relevante de uma situação ideal de discurso" (Habermas).

As possíveis dissimilaridades de perspectivas, problemas e abordagens da moderna filosofia analítica e da hermenêutica filosófica deve-se não somente a tradições nacionais, mas aos diferentes problemas e perspectivas de abordagem. Se de um lado a filosofia analítica do significado parte da semântica lógica de uma linguagem ideal, terminando por desenvolver uma semântica e uma pragmática da linguagem natural, a hermenêutica moderna, por outro lado, parte de uma metodologia da interpretação histórico-filológica, resultando por fim numa filosofia quase-transcendental da compreensão comunicativa. É, contudo distante a mútua incompreensão entre essas duas correntes filosóficas, não obstante certa convergência quanto ao objeto, ou seja, a linguagem. No seu desenvolvimento histórico a fundação da hermenêutica filosófica no século XIX foi excessivamente marcada pelo psicologismo, enquanto a filosofia analítica do significado, partindo do anti-psicologismo do século XX que inspirou a semântica lógica dos fundadores, manteve a recusa de enfrentar o problema do sujeito da interpretação, o que está implícito na questão da compreensão comunicativa e da intencionalidade, sendo isto remetido para o âmbito da pragmática de corte behaviorista⁶.

A "querela dos métodos" (*Methodenstreit*) representa um dos pontos altos nesta disputa de escolas. Desde o final do século XIX essa polêmica veio à luz, buscando-se diferenciar as ciências da natureza das ciências do espírito. Dilthey, aluno de Ranke, quer fundamentar a história e demais ciências que se relacionam com o homem enquanto ser histórico e social. Descobre que a teoria do conhecimento das ciências naturais não fazia justiça à sua especificidade. Por esse motivo tratará de fundamentar o que denomina "ciências do espírito". O objeto destas ciências não é o elemento externo ou alheio ao homem, mas o meio em que o homem está inserido. Esse fato faz com que o homem possa captar seu mundo histórico-social a partir do seu interior. Desta singularidade de relações entre o sujeito e o objeto dessas ciências do espírito diante das ciências naturais, deduzirá Dilthey sua metodologia própria.

Contudo a proposta de Dilthey converteu-se numa velha disputa. Frente a ela, a escola de Popper propõe com clareza as razões que validam a unidade do método. Estamos assim diante de uma posição antitética. (Para um panorama

⁶ Para um panorama da problemática, Cf: ROBERTS 1992. ROBERTS, J. *The Logic of Reflexion. German Philosophy in the Twentieth Century*. New Haven and London: Yale University Press. Cf., também, BUBNER 1991.

geral da problemática⁷ Na perspectiva do neo-positivismo, supõe-se que a *compreensão hermenêutica* deve ser entendida em termos de "empatia" e numa perspectiva psicológica significando estar a serviço da *explicação causal*. Por outro lado, aquilo que pode ser chamado quase-hermenêutica ou pseudo-hermenêutica, o debate se funda na pretensão de que a compreensão deve significar um tipo não-causal de explicação das ações enquanto eventos espaço-temporal. Na controvérsia Kuhn/popper/Lakatos sobre a história da ciência, como sugere Apel, deve ser mostrado que, entre outras coisas a compreensão hermenêutica das explicações causais no quadro de uma reconstrução da 'história interna' apresenta ser algo bastante diferente da explicação causal da compreensão, por exemplo, uma explicação externa de certos tipos ou características da compreensão de problemas na história da ciência, por meio de causas econômicas ou psicológicas.

Além da perspectiva hermenêutica do problema da compreensão propriamente dita, é preciso considerá-lo, do ponto de vista semiótico, como um dos aspectos mais relevantes para o sentido da compreensão dos significados dos signos lingüísticos. Com isto abre-se uma possibilidade de encontro de esclarecimentos mútuos entre a hermenêutica e a filosofia analítica do significado.

Na presente situação, podemos encontrar vários motivos que podem caracterizar uma convergência de maior alcance dos problemas, tanto quanto uma certa troca ou certas interseções de posições que se têm dado. Assim, encontramos certas afinidades entre a hermenêutica moderna, na linha de Heidegger e Gadamer, e o estruturalismo francês; que abandonou a problemática da compreensão das *intenções subjetivas*, como, por exemplo, o autor de um texto, que optapor explicar a *linguagem do texto* como um *medium* autônomo e mesmo a origem do sentido. A partir do momento em que o último Dilthey deixou de lado seu psicologismo da primeira fase, introduzindo a "esfera comum" do "espírito objetivo" como fundamento para a "compreensão pragmática", o que veio permitir uma maior aproximação com a concepção wittgensteniana dos 'jogos de linguagem' enquanto ancorados em "formas de vida", encontramos a declaração do último Heidegger que diz:

O homem fala somente enquanto que corresponde à fala. A fala fala. Seu falar fala para nós no falado (Der Mensch spricht nur, indem er der Sprache entspricht, die Sprache spricht. Ihr Sprechen spricht uns im Gesprochenen. (Heidegger 1959:44/1987:30)

⁷ Cf. RADNITZKI; ARON; APEL, MANNINEN, TUOMELA, 1978; APEL, 1979.

Analogamente, declara Gadamer:

Pois, parece-nos que o que caracteriza e dá dignidade à arte é justamente que, a linguagem não é discurso, isto é, o fato de que possui uma unidade de sentido de forma [Gestalt] que é independente de toda relação de falar e de ser interpelado e persuadido (Gadamer W e M 192/294-5 da ed. Brasileira)

E noutro lugar:

Na realidade a escrita possui para o fenômeno hermenêutico uma significação central, na medida em que nela a ruptura com o escritor ou autor, assim como o endereço concreto de um destinatário é trazida, por assim dizer, a uma experiência própria. (Gadamer W e M 396/571 na ed. Brasileira)

Mas não param por aí as analogias e semelhanças entre a filosofia analítica da linguagem e a filosofia hermenêutica. Num texto de 1962, "*The Philosophical Foundations of the Twentieth Century*", Gadamer, analisando no seu conjunto a evolução e a fundação da filosofia do século XX, mais uma vez aproxima a concepção da linguagem do Segundo Wittgenstein à concepção hermenêutica. Ali, criticando a tentativa filosófica de resolver o problema da "metafísica" através da criação de uma linguagem artificial e unívoca, empreendimento este que se seguiu das teses do Primeiro Wittgenstein, no *Tractatus*, Gadamer chega a afirmar que este ideal de uma linguagem artificial e unívoca é autocontraditória, pela simples razão de que para Wittgenstein, a linguagem está sempre correta e que a sua verdadeira função é a obtenção da compreensão mútua e que os falsos problemas da filosofia se devem antes não aos defeitos da linguagem, mas ao pensamento falso e dogmático ao hipostasiar as palavras no seu uso. A linguagem comporta-se como um jogo no qual se deve dar atenção ao sentido funcional das palavras. A linguagem é linguagem quando é um puro *actus exercitus*, vale dizer, quando ela empenha-se em tornar visível o que é dito, desaparecendo ela mesma como era.⁸ E conclui Gadamer:

... algo como uma convergência está ocorrendo entre a crítica de

⁸ Cf. GADAMER, 1977, p. 126.

Wittgenstein à semântica anglo-saxônica, por um lado e a crítica à técnica a-histórica da descrição fenomenológica que é feita pela autocrítica da linguagem, e que também é feita pela consciência hermenêutica, por outro lado. A maneira pela qual nos remontamos às origens dos conceitos na sua história com a finalidade fazer vir à tona os seus significados vividos, evocados, parece-me convergir com o estudo dos jogos de linguagem como formas de vida, e na verdade com tudo que se move na mesma direção.⁹

No evoluir da filosofia analítica da linguagem pós-wittgensteiniana, aquilo que se costuma nomear de *filosofia da linguagem ordinária*, com a sua elaboração da teoria dos atos de fala (*speech act-theory*) elaborou toda uma estratégia teórica que pudesse ultrapassar a concepção lógico-semântica da linguagem a sua teoria das funções de verdade tanto quanto os tipos intencionais de significado que culminou por resolver-se na teoria da força ilocucionária e perlocucionária das declarações no interior do quadro de comunicação. Por outro lado, E.E.M Anscombe e G.H. Von Wright reintroduziram o conceito de "intenção" na teoria geral da ação. Já H.P. Grice construiu um programa de teoria do significado que, em última instância, pretende reduzir o "significado atemporal" de uma "declaração-tipo", como, por exemplo, uma sentença ou um signo não-lingüístico, à *intenção* pré-lingüística do falante.¹⁰ A respeito disto, diz Apel:

Deste modo parece que a "reviravolta pragmática" (pragmatic turn) na filosofia analítica do significado produziu uma certa analogia com a "reviravolta psicológica" (*psychological turn*) da hermenêutica do século XIX, enquanto a "reviravolta quase-transcendental" (*quase-transcendental turn*) da hermenêutica do século XX produziu uma certa analogia com a abstração dos *semanticistas* da compreensão das intenções subjetivas no interior do quadro da comunicação real"¹¹.

Contudo, há algo a mais a ser dito sobre a evolução da própria hermenêutica, à medida que no seu interior ocorreu certa diferenciação no tratamento do seu objeto. E pelo que a hermenêutica se distingue da filosofia

⁹ *Id.*, p. 127.

¹⁰ Cf. GRICE, 1991.

¹¹ Cf. APEL 1981, p. 225.

analítica do significado.

Para Schleiermacher e para a hermenêutica, o trato com a conversação ordinária e não obstante isto, sua principal tarefa era sempre compreender o compreender dos textos históricos. Disto segue-se que mesmo para a hermenêutica do século XIX o que constituía o pano de fundo característico para a constituição do *canon* da interpretação não era a *interpretação psicológica*. Ela devia antes concentrar-se na *interpretação histórica*, o que veio a provocar uma nova inflexão às formas e tipos tradicionais e interpretações tais como a *interpretação gramatical* e a *interpretação genérica*.¹² Deste modo, não se trata para a hermenêutica de compreender e interpretar aqueles textos e obras tal como foram compreendidos e interpretados segundo as restrições da sua contemporaneidade, ou como foram compreendidos pelos contemporâneos, o que, em geral, não tipifica as grandes obras da tradição religiosa, filosófica, legal e poética, já que estas ultrapassam os limites do seu tempo. Bem ao contrário, trata-se para ela de compreender e interpretar como o sentido dos textos podem ser compreendido e interpretado, por meio da interpretação histórica, pela posteridade; tal como a compreendido e interpretado pelos seus contemporâneos. Em última instância, trata-se de "se colocar no lugar do outro" com vista a compreendê-lo na sua efetividade histórica no presente, tal como ele compreendeu-se e interpretou. É claro que isto é apenas uma pretensão de possibilidade ou uma postulação que, *in the long run*, como gosta de dizer Apel, busca se efetivar como tarefa infinita da interpretação. Kantianamente falando, é uma idéia regulativa.

De fato, a inflexão histórica da compreensão hermenêutica acarreta a exigência de que mesmo aqueles textos, (por exemplo, os textos das tradições religiosas, filosóficas, legais ou literários), que de fato foram destinados também às futuras gerações possam ser interpretados através da investigação historicamente norteada da compreensão normal em última instância da linguagem dos textos pelos contemporâneos; não obstante, a possibilidade de que o sentido próprio, individual, dos textos possa ainda ter a expectativa, por assim dizer, de que no futuro as gerações possam compreendê-lo adequadamente mais do que ele mesmo se compreenderam. (Aqui; impõe-se o ponto hermenêutico do *canon* de *fazer-se contemporâneo aos contemporâneos do texto*.) Nas palavras de

¹² Cf. para essas distinções: SCHLEIERMACHER *Hermeneutik*. In: (1977:75 ss. *III L'abrégé de l'Herméneutique de 1919. Avec les Notes de 1828*. In: (1987:113 ss. (trad. franc.). Cf., também, NESCKE-HENTSCHKE *Materiaux pour une approche philologique de l'herméneutique de Schleiermacher*. In: LASK et NESCHKE 1990.

Gadamer: "compreender um autor tão bem, e mesmo melhor do que ele mesmo se compreendeu".¹³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APEL *Hermeneutic philosophy of understanding as a heuristic horizon for displaying the problem-dimensions of analytic philosophy of language*. In: GECKELLE; SCLIEBEN-LAGE; TRABANT; WEYDT, 1981.
- APEL, K-O; MANNINEN, J. TUOMELA, R. *Neue Versuche über Erklären und Verstehen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1978.
- ARON, R. *La Philosophie Critique de l'Histoire. Essai sur une théorie allemande de l'histoire*. Paris: Vrin, 1964.
- GADAMER. *Philosophical Hermeneutics*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1977.
- GRICE. *Studies in the Way of Words*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1991
- NESCKE-HENTSCHKE. *Materiaux pour une approche philologique de l'herméneutique de Schleiermacher*. In: LASK et NESCHKE, 1990.
- RADNITZKI, G. *Contemporary Schools of Metascience. Anglo-Saxon schools of metascience. Continental schools of metascience*. 2ª Ed. Revised edition in one volume. Göteborg, 1970.
- ROBERTS, J. *The Logic of Reflexion. German Philosophy in the Twentieth Century*. New Haven and London: Yale University Press, 1992.
- SCHLEIERMACHER, F. D. *Hermeneutik und Kritik*, Ed. e intro. Manfred Frank. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1977.
- SCHOLZ, Oliver R. *Verstehen und Rationalität. Untersuchungen zu den Grundlagen von Hermeneutik und Sprachphilosophie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag

¹³ GADAMER 1960:173.